



Aprovou!

ELITE Resolve

FUVEST - 2018

2ª FASE



FUNDAÇÃO UNIVERSITÁRIA PARA O VESTIBULAR

FUVEST

português

www.elitecampinas.com.br

OS MELHORES GABARITOS DA INTERNET

LÍNGUA PORTUGUESA

QUESTÃO 01

Examine a propaganda.



www.tse.jus.br. Adaptado

- a) Considerando o contexto da propaganda, existe alguma relação de sentido entre a imagem estilizada dos dedos e as palavras “digital” e “diferença”? Explique.
- b) Sem alterar o modo verbal, reescreva o trecho “Venha para a biometria. Cadastre suas digitais.”, passando os verbos para a primeira pessoa do plural e fazendo as modificações necessárias.

Resolução

- a) É possível perceber que existe relação entre as palavras “digital” e “diferença” e a imagem estilizada dos dedos presente na peça publicitária. Para resgatar essa relação é necessário observar que as impressões digitais estão associadas à identidade das pessoas, dada sua conformação única, individual. Assim, metonimicamente, as falanges dos dedos foram caracterizadas como rostos diversos, diferentes. Essa diversidade se multiplica ao infinito, se observada a multidão de dedos personificados em segundo plano. Além disso, é importante ressaltar que há um jogo de palavras com a expressão “faz a diferença”. Se, por um lado, as impressões digitais singularizam, fazem cada um diferente, por outro, a participação de cada um dos eleitores no cadastramento biométrico, segundo a publicidade, é significativa – faz diferença – para a segurança tanto do país quanto do cidadão, como se lê abaixo da imagem.
- b) O trecho “Venha para a biometria. Cadastre suas digitais” contém verbos no modo imperativo, “venha” e “cadastre”, direcionados a “você”, isto é, a terceira pessoa gramatical e a segunda do discurso, aquela a quem se dirige. Fazendo as alterações necessárias, obteríamos: Venhamos para a biometria. Cadastremos nossas digitais. Observe-se que o pronomes possessivo de terceira pessoa (“suas”) também deve ser substituído por um de primeira do plural, como solicita o enunciado.

QUESTÃO 02

Leia o texto e responda ao que se pede.

Da idade

Não posso aprovar a maneira por que entendemos a duração da vida. Vejo que os filósofos lhe assinam um limite bem menor do que o fazemos comumente. (...) Os [homens] que falam de uma certa duração normal da vida, estabelecem-na pouco além. Tais ideias seriam admissíveis se existisse algum privilégio capaz de os colocar fora do alcance dos acidentes, tão numerosos, a que estamos todos expostos e que podem interromper essa duração com que nos acenam. É pura fantasia imaginar que podemos morrer de esgotamento em virtude de uma extrema velhice, e assim fixar a duração da vida, pois esse gênero de morte é o mais raro de todos. E a isso chamamos morte natural como se fosse contrário à natureza um homem quebrar a cabeça numa queda, afogar-se em algum naufrágio, morrer de peste ou de pleurisia; como se na vida comum não esbarrássemos a todo instante com esses acidentes. Não nos iludamos com belas palavras; não denominemos natural o que é apenas exceção e guardemos o qualificativo para o comum, o geral, o universal.*

Morrer de velhice é coisa que se vê raramente, singular e extraordinária e portanto menos natural do que qualquer outra. É a morte que nos espera ao fim da existência, e quanto mais longe de nós menos direito temos de a esperar.

Michel de Montaigne, *Ensaios*. Editora 34. Trad. de Sérgio Milliet.

*assinar: fixar, indicar.

- a) No texto, o autor retifica o que corriqueiramente se entende por “morte natural”? Justifique.
- b) A que palavra ou expressão se referem, respectivamente, os pronomes destacados no trecho “Vejo que os filósofos lhe assinam um limite bem menor do que o fazemos comumente”?

Resolução

- a) Michel de Montaigne discorda do que, no senso comum, chama-se “morte natural”, isto é, retifica a percepção corriqueira desse fato. Para o filósofo, a morte causada pelo “esgotamento em virtude de uma extrema velhice” não é “natural”, mas improvável. O autor entende que a carrada de eventos acidentais que podem subtrair a vida ao homem – “quebrar a cabeça numa queda, afogar-se em algum naufrágio, morrer de peste ou de pleurisia” – tem probabilidade muito maior de acontecer que a usualmente chamada morte “natural”. Assim, o autor propõe que o termo “morte natural” seja reservado a este tipo de morte, que seria o “comum, o geral, o universal”.
- b) Em “Vejo que os filósofos lhe assinam um limite bem menor do que o fazemos comumente”, o pronome oblíquo “lhe” tem seu referente anaforicamente resgatado no período anterior. Tanto a expressão “a duração da vida” quanto, simplesmente, “vida”, por esta estar contida naquela, podem atuar como referentes dessa retomada. Já o demonstrativo “o”, complemento do verbo “fazemos”, se refere ao ato de “assinar um limite”. Ou seja, em comparação, os filósofos, diferentemente dos outros homens, supõem ser a vida muito mais curta.

QUESTÃO 03

Examine a transcrição do depoimento de Eduardo Koge, líder indígena de Tadarimana, MT.

Nós vivemos aqui que nem gado. Tem a cerca e nós não podemos sair dessa cerca. Tem que viver só do que tem dentro da cerca. É, nós vivemos que nem boi no curral.

Paulo A. M. Isaac, *Drama da educação escolar indígena Bóe-Bororo*.

- a) Nos trechos “Tem a cerca...” e “Tem que viver...”, o verbo “ter” assume sentidos diferentes? Justifique.
- b) Reescreva, em um único período, os trechos “Nós vivemos aqui que nem gado” e “nós não podemos sair dessa cerca”, empregando discurso indireto. Comece o período conforme indicado na página de respostas. [“O líder indígena disse que_____”]

Resolução

- a) O verbo “ter”, em cada uma das ocorrências destacadas pelo enunciado, assume um sentido diferente. No primeiro caso, trata-se de um uso existencial para esse verbo, emprego ainda condenado pela tradição gramatical e típico do português falado há séculos. A segunda ocorrência desse verbo, como auxiliar, é responsável pela noção de uma obrigação externa, originada nas condições relatadas pelo líder indígena.
- b) Os trechos “Nós vivemos aqui que nem gado” e “nós não podemos sair dessa cerca” poderiam ser reescritos em discurso indireto:

O líder indígena disse que eles (os índios) *vivem ali/lá* que nem gado e não *podem* sair daquela cerca.

ou

O líder indígena disse que eles (os índios) *viviam ali/lá* que nem gado e não *podiam/poderiam* sair daquela cerca.

Também poderia ser adotada a forma reduzida de gerúndio:

O líder indígena disse que eles (os índios) *vivem/viviam ali/lá* que nem gado, não podendo sair daquela cerca.

QUESTÃO 04

Leia o texto.

Um tema frequente em culturas variadas é o do desafio à ordem divina, a apropriação do fogo pelos mortais. Nos mitos gregos, Prometeu é quem rouba o fogo dos deuses. Diz Vernant que Prometeu representa no Olimpo uma vozinha de contestação, espécie de movimento estudantil de maio de 1968. Zeus decide esconder dos homens o fogo, antes disponível para todos, mortais e imortais, na copa de certas árvores – os freixos – porque Prometeu tentara tapeá-lo numa repartição da carne de um touro entre deuses e homens.

Na mitologia dos Yanomami, o dono do fogo era o jacaré, que cuidadosamente o escondia dos outros, comendo taturanas assadas com sua mulher sapo, sem que ninguém soubesse. Ao resto do povo – animais que naquela época eram gente – eles só davam as taturanas cruas. O jacaré costumava esconder o fogo na boca. Os outros decidem fazer uma festa para fazê-lo rir e soltar as chamas. Todos fazem coisas engraçadas, mas o jacaré fica firme, no máximo dá um sorrisinho.

Betty Mindlin, O fogo e as chamas dos mitos. *Revista Estudos Avançados*. Adaptado.

- a) O emprego do diminutivo nas palavras “vozinha” e “sorrisinho”, consideradas no contexto, produz o mesmo efeito de sentido nos dois casos? Justifique.
- b) Reescreva o trecho “Os outros decidem fazer uma festa para fazê-lo rir (...)”. Todos fazem coisas engraçadas”, substituindo o verbo “fazer” por sinônimos adequados ao contexto em duas de suas três ocorrências.

Resolução

a) O diminutivo sintético – homenzinho, por exemplo, em oposição ao analítico homem pequeno –, tradicionalmente chamado de grau do substantivo, é resultado de uma sufixação. Em ambas as ocorrências da questão em apreço, trata-se do mesmo sufixo, -inho. Nas situações de interação verbal, os falantes lançam mão desse recurso gramatical com finalidades as mais diversas. Pode-se falar de uma “casinha” com a intenção de retratar uma edificação de dimensões diminutas, sentido que poderia ser chamado de literal; ou com o intuito de referir-se afetivamente ao lugar onde se mora, um sentido figurado, já que não se fala *necessariamente* de uma casa pequena. As intenções do emprego do diminutivo podem passar pela ironia – ao descrever uma mansão, alguém se refere a ela como uma “casinha” – ou pelo descaço – ao descrever uma casa dilapidada, alguém se refere a ela como uma “casinha”. Ou seja, o diminutivo pode, grosso modo, estar associado a um sentido denotativo e, portanto, ligado à concretude, às dimensões e proporções que constituem o ser, ou ter conotações inúmeras, ligadas aos efeitos de sentido pretendidos pela enunciação. Nesse caso, evidencia-se o figurado, o não literal. Em ambas as ocorrências, a autora evoca o sentido figurado ao empregar os diminutivos “vozinha” e “sorrisinho”.

Na primeira, ao relatar o mito grego do roubo do fogo, Mindlin descreve, citando Vernant, que Prometeu era “uma vozinha de contestação”. Ora,

Prometeu, em sua metafórica pequenez, se insurge contra o rei dos deuses e a ordem vigente no Olimpo. Essa contestação, humilde mas insubordinada, é comparada à que o movimento estudantil de maio de 1968 fez reverberar na França e fora dela.

Em “sorrisinho”, o contexto é o do mito do jacaré que, como Zeus, privara os demais das benesses do domínio do fogo, mantendo-o em sua boca. Os animais, insurgentes como Prometeu, criam um estratagema que visava dar fim ao monopólio ígneo. Na tentativa de fazê-lo rir, no entanto, conseguiram “no máximo [...] um sorrisinho”. Nesse caso, a narrativa do mito, que já é necessariamente alegórico – portanto, metafórico –, é encerrada com uma expressão figurada para expressar o sorriso contido, pouco.

Vale observar que o enunciado da questão é bastante vago com relação ao “efeito de sentido” dos diminutivos. Em ambos os casos, não se pode falar em sentido literal. Sendo os dois figurados, no entanto, há matizes de sentido diverso dadas pelos contextos distintos.

- b) Dentre as muitas possibilidades de reescritura, pode-se citar: Os outros decidem *organizar/dar/promover* uma festa para *obrigá-lo/forçá-lo* a rir [...]. Todos *realizam/executam* coisas engraçadas.

Reforce-se que o candidato deveria substituir o verbo “fazer” por sinônimos em apenas duas ocorrências.

QUESTÃO 05

Leia o texto.

No Brasil colonial, o indissolúvel vínculo do matrimônio, tal como ele era concebido pela Igreja Católica, nem sempre terminava com a morte natural de um dos cônjuges. A crise do casamento assumia várias formas: a clausura das mulheres, enquanto os maridos continuavam suas vidas; a separação ou a anulação do matrimônio decretadas pela Igreja; a transgressão pela bigamia ou mesmo pelo assassinio do cônjuge.

Maria Beatriz Nizza da Silva, *História da Família no Brasil Colonial*. Adaptado.

- a) No texto, que ideia é sintetizada pela palavra “crise”?
- b) Reescreva a oração “tal como ele era concebido pela Igreja Católica”, empregando a voz ativa e fazendo as adaptações necessárias.

Resolução

- a) O termo crise, cujo significado está relacionado à alteração, instabilidade, desequilíbrio, sintetiza a ideia de dissolução, ou seja, de quebra do vínculo matrimonial.
- b) Na voz ativa a oração torna-se: tal como a Igreja Católica o concebia.

QUESTÃO 06

Leia o texto.

A complicada arte de ver

Ela entrou, deitou-se no divã e disse: "Acho que estou ficando louca". Eu fiquei em silêncio aguardando que ela me revelasse os sinais da sua loucura. "Um dos meus prazeres é cozinhar. Vou para a cozinha, corto as cebolas, os tomates, os pimentões é uma alegria! Entretanto, faz uns dias, eu fui para a cozinha para fazer aquilo que já fizera centenas de vezes: cortar cebolas. Ato banal sem surpresas. Mas, cortada a cebola, eu olhei para ela e tive um susto. Percebi que nunca havia visto uma cebola. Aqueles anéis perfeitamente ajustados, a luz se refletindo neles: tive a impressão de estar vendo a rosácea de um vitral de catedral gótica. De repente, a cebola, de objeto a ser comido, se transformou em obra de arte para ser vista! E o pior é que o mesmo aconteceu quando cortei os tomates, os pimentões... Agora, tudo o que vejo me causa espanto."

Ela se calou, esperando o meu diagnóstico. Eu me levantei, fui à estante de livros e de lá retirei as "Odes Elementares", de Pablo Neruda. Procurei a "Ode à Cebola" e lhe disse: "Essa perturbação ocular que a acometeu é comum entre os poetas. Veja o que Neruda disse de uma cebola igual àquela que lhe causou assombro: 'Rosa de água com escamas de cristal'. Não, você não está louca. Você ganhou olhos de poeta... Os poetas ensinam a ver."

Rubem Alves, *Folha de S.Paulo*, 26/10/2004. Adaptado.

- a) Segundo a concepção do autor, como a poesia pode ser entendida?
- b) Reescreva o trecho “Agora, tudo o que vejo me causa espanto.”, substituindo o termo sublinhado por “Naquela época” e empregando a primeira pessoa do plural. Faça as adaptações necessárias.

Resolução

- a) Pode-se inferir do texto que, para Rubem Alves, a poesia funciona como um instrumento de observação da vida, que remove a desatenção ou a limitação do olhar cotidiano, ampliando a percepção que temos das coisas, de modo a removê-las da banalidade e levá-las para o extraordinário. Sendo assim, é graças ao olhar poético, diagnosticado pelo narrador em sua paciente, que a cebola passa de “objeto a ser comido” para “obra de arte para ser vista”, nas palavras do autor.
- b) Reescrevendo o trecho, temos: “Naquela época, tudo o que víamos nos causava espanto.”

QUESTÃO 07

Leia o texto e responda ao que se pede.

- Não veem teus olhos lá o formoso jacarandá, que vai subindo às nuvens? A seus pés ainda está a seca raiz da murta frondosa, que todos os invernos se cobria de rama e bagos vermelhos, para abraçar o tronco irmão. Se ela não morresse, o jacarandá não teria sol para crescer tão alto.*

José de Alencar, *Iracema*.

* murta: arbusto, árvore pequena.

- a) É possível relacionar a imagem da murta ao destino de Iracema no romance? Explique.
- b) A frase “Se ela não morresse, o jacarandá não teria sol para crescer tão alto” pode ser entendida como uma alegoria do processo de colonização do Brasil? Explique.

Resolução

- a) O excerto apresentado ilustra o estilo empregado por Alencar na elaboração da narrativa do romance *Iracema*, em que, na tentativa de reproduzir a linguagem indígena da forma mais “natural” e “real” possível, o narrador recorre a metáforas e comparações que remetem à natureza. Nesse sentido, a imagem da murta relaciona-se ao destino de Iracema, pois a murta que se cobre de “rama e bagos vermelhos, para abraçar o tronco irmão” é uma metáfora do amor que a heroína dedica a Martim, caracterizado pela devoção e pela submissão. Assim, a simbologia da planta que seca e morre para que o jacarandá possa crescer prefigura a morte de Iracema ao final do romance. O desaparecimento da filha dos tabajaras possibilita o desimpedimento de Martim das obrigações amorosas e seu consequente sucesso no projeto de colonização das terras do Ceará.

b) O romance *Iracema* pode ser interpretado, não apenas como uma narrativa sentimental, mas também como uma alegoria a respeito da colonização do Brasil. No contexto histórico-político no qual o romance foi escrito, a literatura desempenhou um papel fundamental na construção da identidade nacional e Alencar, ao contar uma história de amor entre uma personagem indígena e o colonizador, propõe uma interpretação a respeito do processo de formação do país. De acordo com a visão do autor, o povo brasileiro teve uma origem nobre e elevada, proporcionada pelo encontro de duas raças heroicas: a indígena, representante da natureza americana, e a europeia, representante da cultura e civilização cristãs.

Ao final do romance, com a morte de Iracema e o sucesso do empreendimento colonial de Martim, Alencar afirma que a contribuição indígena para a formação do povo brasileiro restringiu-se somente à geração e amamentação de Moacir, filho da união entre os protagonistas, considerado o primeiro cearense e o primeiro brasileiro. Sua formação e educação seriam proporcionadas pelo pai, dentro dos moldes da cultura europeia, vista como superior e civilizada.

Tendo em vista esses pressupostos, as imagens da murta e do jacarandá podem ser interpretadas, respectivamente, como referências à cultura indígena e europeia: para se fundar a nacionalidade, é necessário que a primeira desapareça para dar lugar à segunda. Nesse sentido, tais metáforas traduzem o processo colonial implantado no Brasil pelo qual os colonizadores executaram um extermínio tanto físico como cultural das populações indígenas para impor o seu domínio nas terras conquistadas.

QUESTÃO 08

Leia o texto e responda ao que se pede.

É de crer que D. Plácida não falasse ainda quando nasceu, mas se falasse podia dizer aos autores de seus dias: Aqui estou. Para que me chamastes? E o sacristão e a sacristã naturalmente lhe responderiam: Chamamos-te para queimar os dedos nos tachos, os olhos na costura, comer mal, ou não comer, andar de um lado para outro, na faina, adoecendo e sarando, com o fim de tornar a adoecer e

sarar outra vez, triste agora, logo desesperada, amanhã resignada, mas sempre com as mãos no tacho e os olhos na costura, até acabar um dia na lama ou no hospital; foi para isso que te chamamos, num momento de simpatia.

Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

- a) Pode-se afirmar que, neste excerto, além de resumir a existência de D. Plácida, o narrador expressa uma certa concepção de trabalho? Justifique.
- b) De que maneira o ritmo textual, que caracteriza a possível resposta dos sacristãos, colabora para a caracterização de D. Plácida?

Resolução

- a) No excerto apresentado, mais do que resumir a existência de Dona Plácida, Brás Cubas rebaixa a personagem, construindo uma imagem depreciativa a seu respeito. No diálogo imaginário entre ela e seus pais, destaca-se uma vida marcada pela precariedade, pela pobreza e pelo sofrimento, entretanto, o narrador não manifesta nenhum sentimento de compaixão ou piedade pela personagem: para ele, a vida de Dona Plácida não tem significado algum e é desprovida de qualquer valor, uma vez que ela se dedicou tão somente ao trabalho braçal para prover uma subsistência miserável e indigna. Essa visão negativa de Brás Cubas a respeito da personagem que trabalhou a vida toda para sobreviver é característica da sociedade escravocrata do Brasil do século XIX, pano de fundo histórico do romance. Nesse contexto, o trabalho braçal era exclusivo dos escravos e o homem livre que, a exemplo de Dona Plácida, se sujeitasse a executá-lo estaria se rebaixando socialmente.

b) O trecho que caracteriza a possível resposta dos sacristãos contribui para a apresentação de Dona Plácida e de sua trajetória de vida. Esse breve resumo é composto por um único período formado por subordinação, no qual há o encadeamento de diversas orações curtas reduzidas de gerúndio ou de infinitivo. Esse modo de organizar o texto imprime um ritmo mais ágil ao relato sobre Dona Plácida e, além disso, expressa o quanto sua vida estava condicionada ao trabalho, uma vez que a personagem não conseguia se libertar do ciclo de trabalhar, adoecer, sarar para tão somente voltar a trabalhar.

QUESTÃO 09

Leia o texto e atenda ao que se pede.

A MÁQUINA DO MUNDO

*E como eu palmilhasse vagamente
uma estrada de Minas, pedregosa,
e no fecho da tarde um sino rouco*

*se misturasse ao som de meus sapatos
que era pausado e seco; e aves pairassem
no céu de chumbo, e suas formas pretas*

*lentamente se fossem diluindo
na escuridão maior, vinda dos montes
e de meu próprio ser desenganado,*

*a máquina do mundo se entreabriu
para quem de a romper já se esquivava
e só de o ter pensado se carpia.**

(...)

Carlos Drummond de Andrade, *Claro enigma*.

*carpир-se: lamentar-se.

- a) O ponto de vista do eu lírico em relação à “máquina do mundo” ilustra as principais características de *Claro enigma*? Justifique.
- b) Transcreva o verso que sintetiza o evento sublime de que trata o texto.

Resolução

- a) “A máquina do mundo” é o penúltimo poema de *Claro Enigma* e, de certa forma, apresenta uma conclusão do percurso que o poeta realizou ao longo da obra. Nesse texto, o andarilho tem, finalmente, a oportunidade de ter todos os seus questionamentos e inquietudes existenciais respondidos por um objeto mágico e mitológico: a Máquina do Mundo que, surpreendentemente, se manifesta em meio à estrada de Minas e se abre diante dele. No entanto, a atitude do poeta em relação a tal aparição é de recusa e negação, expressas nos dois últimos versos do excerto: *para quem de a romper já se esquivava/ e só de o ter pensado se carpia*. O anseio por desvendar os mistérios do

mundo e de romper os segredos da Máquina, que tanto atormentou o poeta no passado já não existe mais e só por se lembrar que havia desejado isso, ele “já se carpia”, ou seja, se lamentava. Essa postura do poeta ilustra alguns dos principais temas desenvolvidos ao longo da obra. Um desses temas remete o leitor para o anoitecer; de fato, a referência ao “fecho da tarde” dialoga com o primeiro poema - “Dissolução”- que começa com os seguintes versos: “Escurece, e não me seduz/ tatear sequer uma lâmpada./ Pois que aprouve ao dia findar./aceito a noite”. Assim, a noite, que na obra anterior de Drummond, era símbolo de ausência de esperança, em *Claro Enigma*, ganha outros sentidos e passa a ser concebida como uma temporalidade que, embora represente o desconhecido, pode oferecer novas experiências existenciais. Dessa forma, a recusa do poeta às revelações iluminadoras da Máquina do Mundo relaciona-se à recusa da luz do dia, substituída por sua opção pela noite e suas potencialidades. A aceitação da noite implica, por sua vez, uma outra temática: a dissolução das formas, das certezas, das verdades, da história, da família, das casas antigas de Ouro Preto. Ao recusar as certezas, o poeta vê os contornos de um mundo definido dissolverem-se e, devido a isso, ele experimenta o sentimento do vazio: “as formas pretas/ lentamente se fossem diluindo/ na escuridão maior (...)”. Dessa forma, o sino, que poderia representar as verdades instituídas pela Igreja ou o ritmo de vida ditado pelo trabalho, está rouco e perde sua validade e o eu-lírico manifesta seu ser “desenganado”, isto é, sua descrença em relação aos postulados que lhe são expostos por instituições que lhes são externas, o que, mais uma vez se relaciona com sua recusa às revelações da Máquina do Mundo. Essa atitude também pode ser observada no poema “A ingaia ciência”, em que o poeta recusa a “madureza”, isto é, a maturidade ou o conhecimento completo sobre a vida, vistos por ele como uma prisão que impede a “surpresa da janela” e destrói o “agudo olfato” e o “agudo olhar” sobre o mundo. Em suma, ao recusar as revelações da Máquina do Mundo, o poeta é coerente com sua postura de rejeitar as verdades prontas e exteriores, e de aceitar a perda de contornos e definições daquilo que era anteriormente conhecido, bem como de assumir a escuridão e a incompreensão como realidades inerentes à condição humana.

b) O evento sublime de que trata o texto é a aparição da Máquina do Mundo, um objeto mágico, que irrompe na trajetória do eu-lírico. O caráter extraordinário desse evento é marcado pelo seguinte verso: “a máquina do mundo se entreabriu”.

QUESTÃO 10

Leia o texto e responda ao que se pede.

– É por isso que faço confiança nos angolanos. São uns confusionistas, mas todos esquecem as makas* e os rancores para salvar um companheiro em perigo. É esse o mérito do Movimento, ter conseguido o milagre de começar a transformar os homens. Mais uma geração e o angolano será um homem novo. O que é preciso é ação.

Pepetela, *Mayombe*.

*“makas”: questões, conflitos.

a) A fala de Comandante Sem Medo alude a uma questão central do romance *Mayombe*: um objetivo político a ser conquistado por meio do Movimento. Qual é esse objetivo?

b) As “makas” e os “rancores” dos angolanos repercutem no modo como o romance é narrado? Explique.

Resolução

a) A fala do Comandante Sem Medo alude à questão central do romance *Mayombe*: a libertação de Angola do domínio português. Entretanto, para que tal objetivo fosse alcançado, inevitavelmente, o caminho a ser trilhado deveria passar pela formação de um “homem novo”: um angolano menos tribal e mais identificado com um ideal de nacionalidade. Sem Medo tem consciência de que os guerrilheiros da base apresentam concepções diferentes em relação aos rumos que o Movimento deve tomar e o modo como as ações devem ser planejadas e executadas. A preocupação do Comandante está no fato de que tais disparidades possam enfraquecer a ação do grupo, tornando-a menos coesa e comprometendo as chances de sucesso.

b) É possível observar que as “makas” e os “rancores” dos angolanos repercutem na estrutura polifônica da narrativa, em que cada um dos guerrilheiros assume a locução, o que permite que expressem suas diferentes visões acerca da guerrilha, das diferenças tribais e das discordâncias em relação à organização do MPLA. Dessa forma, o autor lança mão da polifonia para conseguir representar, na literatura, a realidade multifacetada vivida pelos sujeitos envolvidos nesse contexto histórico.

REDAÇÃO

Proposta

Leia os textos para fazer sua redação.

As obras de arte assumem a função da representação da cultura de um povo desde os tempos mais remotos da história das civilizações. É através delas que o ser humano transmite uma ideia ou expressão sensível. Contudo algumas obras de arte fogem do conceito de retratação do belo e do sensível, parecendo terem sido feitas para chocar e causar polêmicas.

A principal obra do escultor inglês contemporâneo Marc Quinn é uma réplica de sua cabeça feita com cerca de 4,5 litros de seu próprio sangue – extraído ao longo de cinco meses. Uma peça nova é feita a cada cinco anos, e elas ficam armazenadas em um recipiente de refrigeração especialmente desenvolvido para elas.

<http://gente.ig.com.br/cultura>. Adaptado.

Graças aos seus três urubus, a obra “Bandeira Branca” é o acontecimento mais movimentado da 29ª Bienal [2010]. No dia da abertura, manifestantes de ONGs de proteção aos animais se posicionaram diante da instalação segurando cartazes com dizeres que pediam a libertação das aves. Chegaram a ser confundidos com a própria obra. “Me entristece o fato de que apenas os animais estejam sendo ressaltados. Espalharam informações erradas sobre como os urubus estão sendo tratados”, lamenta Nuno Ramos. Na obra, os urubus estão cercados por uma rede de proteção e têm como poleiro várias caixas de som que, de tempos em tempos, tocam uma tradicional marchinha de carnaval. As aves tinham a permanência na Bienal autorizada pelo próprio Ibama, que, depois, voltou atrás, alegando que as instalações estavam inapropriadas para a manutenção dos animais. Denúncias e proibições à parte, a obra de Nuno Ramos ganha sentido e fundamentação apenas na presença dos animais. Sem eles, a obra perde seu estatuto artístico e vira mero cenário, já que os animais são seus principais atores.

IstoÉ. 08/10/2010. Adaptado.

A exposição “Queermuseu - Cartografias da Diferença na Arte Brasileira”, realizada desde 15 de agosto no Santander Cultural, em Porto Alegre, foi cancelada após protestos em redes sociais. A mostra ficaria em cartaz até 8 de outubro, mas o espaço cultural cedeu às pressões de internautas. A seleção contava com 270 obras que tratavam de questões de gênero e diferença. Os trabalhos, em diferentes formatos, abordam a temática sexual de formas distintas, por vezes abstratas, noutras, mais explícitas. São assinados por 85 artistas, como Adriana Varejão, Candido Portinari, Ligia Clark, Yuri Firmesa e Leonilson.

Folha de S.Paulo. 10/09/2017. Adaptado.

Nos últimos dias, recebemos diversas manifestações críticas sobre a exposição “Queermuseu – Cartografias da diferença na Arte Brasileira”.

Ouvimos as manifestações e entendemos que algumas das obras da exposição “Queermuseu” desrespeitavam símbolos, crenças e pessoas, o que não está em linha com a nossa visão de mundo. Quando a arte não é capaz de gerar inclusão e reflexão positiva, perdeu seu propósito maior, que é elevar a condição humana.

Por essa razão, decidimos encerrar a mostra neste domingo, 10/09. Garantimos, no entanto, que seguimos comprometidos com a promoção do debate sobre diversidade e outros grandes temas contemporâneos.

<https://www.facebook.com/SantanderCultural/posts>. Adaptado.

A arte é um exercício contínuo de transgressão, principalmente a partir das vanguardas do começo do século 20. Isso dá a ela uma importância social muito grande porque, ao transgredir, ela aponta para novos caminhos e para soluções que ainda não tínhamos imaginado para problemas que muitas vezes sequer conhecíamos. A seleção dos trabalhos dos artistas para a próxima edição do festival [Videobrasil], por exemplo, me fez ver que os artistas estão muito atentos com as diversas crises que estamos vivendo e oferecem uma visão inovadora para o nosso cotidiano e acho que isso é um bom exemplo.

Solange Farkas. <https://www.nexojournal.com.br>.

Considerando as ideias apresentadas nos textos e também outras informações que julgar pertinentes, redija uma dissertação em prosa, na qual você exponha seu ponto de vista sobre o tema: **Devem existir limites para a arte?**

Instruções:

- A dissertação deve ser redigida de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa.
- Escreva, no mínimo, 20 linhas, com letra legível e não ultrapasse o espaço de 30 linhas da folha de redação.
- Dê um título a sua redação.

Comentários

De modo semelhante ao tema de 2017, a proposta de redação da Fuvest 2018 apresenta uma pergunta ao candidato, a saber: "Devem existir limites para a arte?". Sendo assim, a dissertação produzida deve apresentar uma tese que responda claramente ao questionamento. Para tanto, é possível que o texto siga, ao menos, três caminhos dissertativos diferentes.

Uma das possibilidades de abordagem seria a defesa da existência de limites para a arte, com o apontamento de quais seriam estes limites, ou seja, em quais situações a arte deveria ser limitada, por quem e por quê. No viés argumentativo oposto, o texto poderia defender a inexistência de limites, apontando, por exemplo, consequências negativas de uma hipotética limitação ou, ainda, refletindo sobre o fato de que a existência de limites pode restringir as funções ou o alcance das obras artísticas. Por fim, era possível que o candidato apresentasse uma tese que conciliasse os posicionamentos anteriores, defendendo, entre outras possibilidades, que a priori a arte não deve ser limitada, mas que há situações – a serem evidentemente descritas pelo texto – em que limites – também detalhados pela dissertação – deveriam ser aplicados.

Independentemente do percurso argumentativo escolhido pelo aluno, é essencial que se sustente objetivamente a argumentação. Nesse sentido, a coletânea de textos oferecida pela prova poderia ser amplamente explorada, pois apresenta exemplos concretos de manifestações artísticas que foram cerceadas - como a obra "Bandeira Branca" e também a exposição "Queermuseu" - dando ao aluno a possibilidade de se posicionar sobre a legalidade ou a moralidade das limitações impostas. Para além dos exemplos, os excertos ainda oferecem uma reflexão sobre a função da arte e do fazer artístico, que poderia ser endossada ou contra argumentada pelo candidato em sua redação.

Já a extrapolação da coletânea está condicionada diretamente à tese escolhida. Desse modo, entre as inúmeras possibilidades de abordagem, era possível apresentar uma reflexão sobre as artes e a liberdade de expressão, pautada na censura imposta a determinadas obras e artistas, durante a Ditadura Militar, devido a seu caráter transgressor. Havia também a chance de se desenvolver uma discussão sobre o impacto das manifestações artísticas e o desejo de controlá-lo, a partir das polêmicas geradas pela Semana de Arte Moderna de 1922, tanto no que diz respeito à recepção do público e da crítica, e aos rumos tomados posteriormente pelas artes. Ainda era possível refletir sobre a amplitude dos papéis historicamente designados às artes, que também podem servir como limitadores - a exemplo da função religiosa das artes durante a Idade Média - de modo que as próprias particularidades ou necessidades de cada momento poderiam limitar ou definir a prática artística.

Em relação à progressão textual, o candidato poderia trabalhar com o plano da dialética, apresentando uma tese, uma antítese e uma síntese; com o plano comparativo, fazendo analogias entre situações de imposição e/ou de livre manifestação artística ou, ainda, entre os papéis ou limitações das artes ao longo do tempo. O plano do inventário também poderia organizar uma reflexão que elencasse, explicasse e se posicionasse sobre as limitações da arte.

Deve-se considerar, por fim, que as possibilidades de trabalho com a questão são múltiplas, assim como é possível a aplicação de variado repertório argumentativo, cabendo ao aluno, então, a produção de um projeto de texto que lhe permita explorar seu posicionamento crítico frente ao tema e os porquês de suas análises.

Equipe desta resolução**Português**

Mateus Bego Bueno
Regiane Mançano
Thiago do Nascimento Godoy

Digitação

Eduardo Hideki
Thomaz Albreck

Revisão e Publicação

Eliel Barbosa da Silva
Felipe Éboli Sotorilli